

MARIA, MODELO DA IGREJA SINODAL

Cardeal Mario Grech,
Secretário-geral do Secretariado-geral do Sínodo

Queridos irmãos e irmãs,

é muito bonito poder estar reunidos aqui sob o sinal de Maria, Mãe da Igreja, juntamente com todos aqueles que participaram do caminho sinodal e aqueles que estão ativamente engajados nos organismos de participação das Igrejas locais que vieram a Roma para viver o jubileu! O que significa “viver o jubileu”? A Escritura nos ensina isso no Livro do Levítico: “Proclamarão santo o quinquagésimo ano (...). Será para vocês um jubileu; cada um de vocês voltará à sua propriedade e à sua família” (Lv 25,10). O jubileu é um tempo em que cada um pode recuperar o que lhe pertence de mais autêntico e profundo. Para nós, como povo de Deus, trata-se de uma imagem muito significativa: viver o jubileu significa também, para cada um de nós, recuperar o que nos pertence de mais verdadeiro e profundo. É um caminho de retorno às raízes do ser Igreja, à beleza da própria vocação na Igreja. O Jubileu nos chama a caminhar com renovada esperança rumo a um futuro de Igreja em missão. É um tempo favorável para redescobrir o dinamismo evangélico que sempre animou a comunidade eclesial, para sair de toda forma de retraimento e abrir-se com confiança aos caminhos do mundo. O Jubileu nos convida a renovar nosso impulso apostólico, a testemunhar com alegria o Evangelho, a construir pontes de fraternidade e a promover uma cultura do encontro.

E nós, queridos irmãos e irmãs, à luz do Sínodo concluído há um ano, com a confirmação do Papa Leão XIV, estamos convencidos de que o estilo sinodal é o que há de mais autêntico e profundo em nossas comunidades, em toda a Igreja. O jubileu nos diz uma coisa importante: a possibilidade de recuperar o que nos pertence não é uma conquista nossa, mas um dom de Deus: uma porta aberta por Deus em nossa vida, pela qual podemos passar para voltar à nossa casa.

Maria nos guia em nosso “jubileu”, na possibilidade de recuperar o que nos pertence. Ela é como a “guardiã” perene de uma Igreja sinodal e missionária. “Na Virgem Maria, Mãe de Cristo, da Igreja e da humanidade, vemos resplandecer em plena luz os traços de uma Igreja sinodal, missionária e misericordiosa” (*Documento final* [DF], 29). O trecho da Anunciação que proclamamos nesta Vigília resume, de certa forma, os traços fundamentais da sinodalidade que o próprio documento final do Sínodo recorda: Maria é “a figura da Igreja que escuta, reza, medita, dialoga, acompanha, discerne, decide e age” (DF 29).

Em primeiro lugar, Maria é a figura da Igreja que escuta, modelo fundamental de uma Igreja de estilo sinodal. Ao anúncio do anjo, Maria soube escutar a Palavra que Deus dirigia à sua vida para abrir caminhos inéditos, para fazer renascer a esperança e florescer o deserto. Hoje, como comunidades cristãs, somos chamados a seguir o caminho de Maria: na oração assídua, saber escutar entre tantas palavras a Palavra de Deus.

Maria é também a imagem da Igreja que reza. Quanto precisamos de voltar a uma oração autêntica que nasce da escuta da Palavra de Deus. Maria pôde escutar a Palavra de Deus e acolhê-la na sua vida porque foi educada na oração de seu povo. A escuta da Palavra não é algo que se improvisa, mas que se prepara e se alimenta com a oração.

Maria é imagem de uma Igreja de estilo sinodal porque medita e dialoga. Depois de ouvir a Palavra de Deus na oração, Maria confronta em seu coração os fatos de sua existência para discernir

a vontade de Deus. Nisso, Maria é mestra de discernimento eclesial, modelo de uma Igreja que, a partir da escuta, discerne a vontade de Deus e a põe em prática. Mas não podemos esquecer o diálogo ousado de Maria com o anjo no trecho do Evangelho que ouvimos: Maria não tem medo de dialogar com Deus, de expressar suas objeções, de levantar suas dúvidas... Maria não é uma interlocutora passiva de Deus! Talvez seja este o aspecto mais “atual” e “jovem” de Maria: a capacidade de fazer perguntas, a ousadia de “lutar” com Deus, para que também nós, em tempos difíceis e em situações muitas vezes desafiadoras, possamos discernir qual é a sua vontade e colocá-la em prática com coragem e determinação.

Em Maria, vemos então a imagem da Igreja que decide e age. Nela vemos – continua o *Documento final* – “a atenção à vontade de Deus, a obediência à sua Palavra, a capacidade de colher as necessidades dos pobres, a coragem de pôr-se a caminho, o amor que ajuda, o canto de louvor e a exultação no Espírito” (DF 29). São Paulo VI afirmava que “a ação da Igreja no mundo é como uma prolongação da solicitude de Maria” (*Marialis cultus*, 28). Vemos isso em sua disponibilidade para se colocar a caminho rumo às montanhas da Judeia para ajudar sua prima Isabel. Nesta solicitude para com os necessitados, Maria imita Deus, que, como afirma o Santo Padre Leão XIV na *Dilexi te*, sempre «se mostra solícito para com as necessidades dos pobres: “Clamaram ao Senhor e Ele lhes suscitou um salvador” (Jz 3,15)» (DT 8).

Queridos irmãos e irmãs, esta noite também nós nos colocamos à escola de Maria, “imagem e início da Igreja” (*Lumen gentium*, 68), para aprender a ser uma Igreja sinodal e missionária. Assim poderemos viver nosso “jubileu”, atravessar a porta que o Senhor abriu para nós, para que possamos retomar posse do que realmente nos pertence como Igreja. Que Maria nos acompanhe com sua intercessão de Mãe e caminhe conosco, para que continue “o despertar da Igreja nas almas” (R. Guardini, *O sentido da Igreja*). Que, através de sua presença discreta e maternal, possamos gerar hoje o Cristo médico e medicina que é a esperança que não decepciona. Mas, para conseguir isso, precisamos crescer na comunhão e oferecer casa e voz a cada vocação, porque cada vocação é um dom para a comunidade, e somente juntos podemos gerar um tecido eclesial vivo, aberto e generativo.